

A CIÊNCIA DA MORTE

O Medo da Morte

Quando é esperado o nascimento de uma criança os pais preparam a sua vinda meses antes, normalmente com a maior alegria. Às vezes toda a família, especialmente a sua parte feminina, ajuda a preparar criações maravilhosas para o conforto do pequeno estranho que ainda não apareceu. Durante uns poucos de anos esta pequena vida é protegida se for suficientemente afortunada para ser atraída a pais que foram abençoados com os bens deste mundo; mas a maioria encontra-se entre as classes mais pobres que não são capazes de prover a criança com as necessidades materiais para o seu bem estar. Embora possam acolhê-lo bem e amá-lo, as suas vidas são mais ou menos preenchidas com adversidades e sofrimentos, e a criança cresce para a idade adulta no meio de privações e sofrimento. Mesmo com todo este sofrimento que muitas vezes torna a vida de um homem num fardo, ele agarra-se à vida tenazmente, e o pensamento da morte enche-o de terror.

O autor (M. Heindel) visitou alguns dos abandonados, miseráveis e idosos inválidos num dos maiores hospitais regionais. Ele verificou que muitos deles olhavam para a morte com medo. Muitos liam repetidamente a Bíblia, mas não conseguiam dissipar o medo da morte.

Encontramos idosos débeis, vacilantes, rodeados de netos cujos modos de vida mais modernos e irreverentes muitas vezes provocam críticas dos avós negligenciados e solitários. Os últimos frequentemente sentem que estão a caminho, mas quando chega a altura de um deles passar ao Grande Além, normalmente enfrentam este período com medo e pena. É chamado o médico, e os parentes que antes sentiam que o idoso estava a caminho, agora fazem os possíveis para evitar a saída deste Espírito para o mundo desconhecido.

Porque será que o pensamento sobre esta viagem para a vida do além está imbuído de tanto horror, especialmente numa nação Cristã que aceita os ensinamentos do Grande Mestre, CRISTO, cuja missão sobre a Terra foi a de eliminar o aguilhão da morte?

A Morte Como Castigo

A antiga história da humanidade tal como é recordada na Bíblia desde os tempos de Adão e Eva, quando o Senhor expulsou a humanidade do Jardim do Éden, mostra que a morte tem sido sempre associada à ideia de castigo. Nos Génesis, 2º Capítulo, versículo 17, o Senhor ameaçou Adão com a morte se ele comesse da Árvore do Conhecimento. Ao longo da história dos antigos Israelitas vemos que o seu Senhor, Jeová, constantemente os ameaçava com a pena de morte pelos seus pecados. Este medo foi implantado nas mentes dessas primeiras raças, cujas mentes infantis ainda não eram capazes de raciocinar, e que apenas podiam aprender através do medo. Eles não conseguiam conceber um Deus de amor e só respondiam a um Deus zangado que os levaria para as trevas desconhecidas por causa dos seus pecados.

Os povos antigos eram muito supersticiosos e usavam um grande cerimonial para os libertar dos poderes das trevas. O medo da morte criou neles um desejo de preservar os seus corpos cujo resultado foi o embalsamamento feito de várias maneiras. Entre os antigos Egípcios o embalsamamento tornou-se numa arte. Depois de o corpo ser submetido a um processo de preservação pelos padres, era colocado num sarcófago com a forma do corpo e era devolvido

aos parentes, que muitas vezes o conservavam em casa, e às vezes numa cripta ou num sepulcro privados. Algumas dessas múmias encontram-se em museus.

A Vida Depois da Morte

As ideias da morte sofreram várias alterações de acordo com a evolução do homem, mas o mistério mais profundo da vida depois da morte não foi explicado senão depois do advento de Cristo, que através da Sua morte na Cruz trouxe ao homem a esperança da salvação. S. João, Capítulo 5, versículo 24 diz: " Em verdade, em verdade vos digo, quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida". O apóstolo Paulo afirma na segunda epístola de Timóteo, Capítulo 1, versículos 9 e 10, "Deus que nos salvou, e chamou com uma santa vocação, não segundo as nossas obras, mas segundo o seu próprio propósito e a graça que nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos, e que agora se manifestou pelo aparecimento do nosso Salvador Cristo Jesus, o qual destruiu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho"

Como é que o mundo agarrou a oportunidade do supremo sacrifício de Cristo trazer ao mundo a esperança da imortalidade? O medo da morte diminuiu? Alterou-se o método de tratar os corpos dos mortos desde o tempo dos antigos Judeus ou dos Gregos? A ciência da morte manteve-se a par da evolução? Vejamos se é perceptível alguma mudança. Entre os mais avançados de entre nós o luto está lentamente a desaparecer. O método de embalsamamento mudou, as vísceras e o cérebro já não são removidos como nos tempos antigos, mas é injectado um fluido nas principais artérias que temporariamente evitam o corpo de entrar em decomposição. Mas ainda prevalecem o medo da morte e um grande sofrimento. São gastas somas fabulosas para pagar os funerais e as flores. Esta extravagância tem sido levada a extremos e tornou-se num costume que muitas vezes é embaraçoso para os familiares, que podem ter poucos meios materiais. Os parentes têm de comprar a parcela de terreno, pagam ao coveiro para cavar a sepultura, e aos agentes funerários pelo caixão e todos os procedimentos do funeral. A acrescentar à perda dos seus entes queridos, as despesas do funeral são muitas vezes um fardo para os que ficaram. Também é costume com muitos padres prolongar os serviços e no seu grande zelo para os adeptos, agarrarem a oportunidade de apelar às emoções das pessoas presentes, acrescentando assim o sofrimento e o medo da morte e da vida para além da morte, aos que ficaram .

Desde a primeira Grande Guerra que a humanidade começou a ter um grande interesse na vida depois da morte. O mundo foi inundado de livros ditados pelos chamados mortos, que usaram médiuns para transmitir as suas mensagens. Muitos, através do seu grande sofrimento e saudade para comunicar com os entes queridos, conseguiram levantar o véu e ver o outro lado. Mas com a eliminação do medo da morte, que é um grande passo à frente e um conforto maravilhoso para a humanidade, o que tem sido feito para preparar o Espírito para a mudança chamada morte? Essas preparações são tão cuidadas para esta caminhada como são as da entrada do Espírito no corpo físico (nascimento)? Esta passagem da vida física é feita de modo agradável com amor e votos de felicidade dos amigos? Lamentavelmente, Não! Esta caminhada, a maior de todas para a casa do Espírito, é ainda esperada com sofrimento, o caminho está pavimentado com medos, e lavado com lágrimas. O viajante não contou com o

amor e a alegria com que o aguardavam na sua entrada na vida da Terra. O Espírito muitas vezes entra nesta nova vida imprevisto e infeliz por causa do sofrimento dos parentes.

A Morte Como Um Nascimento

Pode pôr-se a questão: O que é a ciência da morte? Vamos responder-lhe do ponto de vista Rosacruziano. A chamada morte, não é senão a passagem do Espírito para uma esfera mais alargada – um nascimento. Deveria ser preparada com o maior cuidado. O corpo físico é apenas um veículo que o Espírito usa para obter experiência neste dia da escola da vida. No fim desta vida o Ego tem de assimilar o que experienciou, e de forma a extrair o máximo das suas experiências, têm de ser preparadas certas condições na altura do rompimento do cordão prateado. Isto geralmente ocorre cerca de três dias e meio após a morte. Agora para explicar porque é que o período imediatamente após a saída do Espírito é de vital importância, temos de compreender que o corpo do homem é quádruplo, consistindo no corpo físico ou denso, no corpo vital, no corpo de desejos e na mente ou corpo mental. Na morte, o Espírito sai com os dois veículos superiores que estão presos ao corpo físico e ao corpo vital por um fino cordão. Este, quando é visto com os olhos do Espírito, apresenta um brilho prateado e tem a forma de dois seis, ligados na ponta das duas pernas; o lado superior está conectado com os dois veículos superiores enquanto o lado inferior ainda está em contacto com o corpo físico.

Na altura da morte os corpos de desejo e mental deixam o corpo físico, levando com eles um átomo permanente, que durante a vida esteve depositado dentro do veículo esquerdo do coração. Este átomo, como um filme negativo de uma câmara, foi gravado com todas as experiências da vida recém acabada. Na altura da morte a força deste átomo deixa o corpo e todas as suas gravações são transferidas do corpo vital (etérico), (que é o armazém destas experiências) para o corpo de desejos, que então forma as bases da vida do homem ou da mulher no purgatório e no primeiro céu. Esta transferência é feita pelo Espírito durante os primeiros três dias e meio depois da ruptura da ligação entre o átomo-semente e o coração, geralmente conhecida como morte.

Podemos ver então que a morte não está completa enquanto esta transferência não tiver sido concluída.

A sensação ainda está presente, e o Espírito sofre devido ao ambiente desarmonioso. Ele pode sentir, até certo ponto, o exame *post mortem* ou o embalsamamento. Quando o corpo é mutilado ou cremado antes do rompimento do cordão prateado, o Espírito sofre a dor. Os médicos e agentes funerários, acreditando que a pessoa está “morta”, normalmente não tratam o corpo com o mesmo cuidado com que o fariam se soubessem os factos reais.

Têm sido conhecidos casos em que as pessoas cujos corpos foram mutilados imediatamente depois da morte, foram capazes de comunicar com os vivos e queixaram-se que sofreram. Num determinado caso, uma mulher afirmou que a massacraram, e ela tinha sido impotente para fazer o agente funerário perceber que ela sentia a faca. Se fosse mais vulgarmente conhecido que os nossos mortos podem sentir a dor física até certo ponto, o embalsamamento seria descontinuado e o corpo seria antes, mantido no gelo.

Quando o panorama da vida foi totalmente gravado no corpo de desejos e o cordão prateado rompido, os dois éteres inferiores do corpo vital gravitam em volta do corpo físico, deixando o Espírito livre para continuar em direcção aos reinos superiores. Os dois éteres superiores unem-se com o corpo de desejos. Quando o corpo físico é enterrado, essa parte do corpo vital que fica, desintegra-se ao mesmo tempo que aquele. Quando o corpo é cremado, o Espírito é libertado muito mais rapidamente de todas as amarras que o prendem à roupagem física desgastada.

À medida que o interesse e a crença numa vida depois da morte se tornem mais universais, será imprimida nas pessoas a necessidade de um método científico para o cuidado daqueles que fazem a passagem para a vida superior e então, teremos enfermeiros, médicos e padres conhecedores da ciência da morte tal como da ciência do nascimento. O Espírito será então cercado não só com amor, mas com paz e silêncio na altura da passagem. Ele também terá uma gravação mais profunda e mais clara com a qual começa a sua vida de trabalho no seu novo estado.